

EVOCAR EDUARDO MONDLANE NUM MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE

n. 3/2/76

Saboreamos há sete meses o fruto da independência nacional, fruto em que se consubstanciam a luta, o sacrifício e as aspirações de todo o povo moçambicano. Muitos ficaram pelo caminho, efectuando a dádiva máxima da sua própria vida, mas possuídos pela certeza da vitória de milhões. Encarnando-os a todos, porque em todos residia o fermento da unidade que laboriosamente architectou encontra-se Eduardo Chivambo Mondlane, assassinado há precisamente sete anos pelo colonialismo português. O fruto que hoje saboreamos, a Nação que hoje somos cresceu e desenvolveu-se graças à semente que a determinação heroica de Mondlane soube lançar por entre o conjunto de tribos e homens dispersos mas igualmente oprimidos em que o colonialismo e o imperialismo nos queriam transformar. Daí que, evocando Mondlane falemos não só do passado de uma luta heróica popular de libertação, mas também num presente e num futuro em que ele existe, na marcha do Rovuma ao Maputo as tribos e os homens dispersos, divididos e oprimidos de outrora, fazem como um só, livres e soberanos no trilho da reconstrução nacional e da luta anti-imperialista.

Eduardo Chivambo Mondlane, nasceu em Junho de 1920 numa aldeia no Sul de Moçambique, pertencente ao Distrito de Manjacaze, Província de Gaza. Os seus pais eram camponeses pobres sem qualquer contacto significativo com sistemas de vida da Europa Ocidental, não sabendo ler nem escrever.

O cultivo da terra, incluindo a criação de gado, eram o meio de subsistência da família de Eduardo Mondlane. Nas suas notas autobiográficas relata que «a minha infância foi portanto passada nos campos e pastagens, guardando vacas, carneiros e cabras, com centenas de crianças da mesma idade. Contacto real com o mundo dos homens, como era hábito na tradição da África Austral, foi feito durante este período que durou dos 5 aos 12 anos de idade.

«Eramos 15 irmãos, dos quais só 4 eram da mesma mãe. Os outros eram meios-irmãos e irmãs, pois o meu pai tinha 3 mulheres, sendo a minha mãe a terceira.

«Os meus pais morreram ambos quando eu era ainda bastante novo, tendo o meu pai morrido quando eu tinha apenas 2 anos e a minha mãe quando eu tinha 13».

COMPREENSÃO HISTÓRICA

O primeiro Presidente da FRELIMO sentiu a opressão e humilhação que o colonialismo impunha ao seu povo, tendo no entanto a oportunidade de, no período posterior, concretizar a sua compreensão histórica sobre os porquês de tal vivência.

Como o afirma Joaquim Chissano numa entrevista sobre a personalidade de Mondlane, o primeiro Presidente da FRELIMO: «É produto do fe-

nómeno que se passava em Moçambique, do colonialismo; é produto da sociedade moçambicana escravizada, oprimida. Foi nessa sociedade que ele viveu e foi nessa sociedade que se formou em tanto que revolucionário.

Todos os outros revolucionários que se formaram artificialmente, que não passaram pela vida, que não se identificaram com a sociedade, certamente que nunca conseguiram ter as dimensões do revolucionário que foi Mondlane.

Mas aqueles que viveram a sociedade moçambicana nos seus sofrimentos, que compreenderam a necessidade da luta e que se formaram na luta, — esses sim, ficaram revolucionários em toda a acepção da palavra: não podia deixar de ser doutra forma.

«Mondlane, como muitos moçambicanos, teve uma educação depois de uma idade muito avançada. Ele saiu do campo, como muitos outros, e quando estudava, podia realmente ter sempre presente a sua origem, uma origem que ele nunca aceitou como estática, mas sim como uma origem que devia ser desenvolvida. Compreendeu assim que essa sociedade donde ele veio tinha a sua própria dinâmica que era preciso libertar para o desenvolvimento.

É por isso que Mondlane colocou a revolução moçambicana em Moçambique: é de Moçambique que começa a Revolução, que começa todo o processo de nacionalismo e que se desenvolve sem cópias, sem perdas de dignidade. Daí essa identidade total entre ele e o povo moçambicano. Mas Mondlane é, ao mesmo tempo, um internacionalista — e consegue, portanto, conciliar

esta especificidade de Revolução Moçambicana com o resto da revolução internacional».

A educação de Mondlane foi adquirida através de escolas calvinistas suíças a nível primário e secundário. A educação secundária, no entanto leve de a completar na África do Sul devido às perseguições do Governo colonial português, que impediu a sua entrada em qualquer escola secundária moçambicana. Após ter tirado um curso agrícola prático de dois anos e prosseguido os seus estudos em Joanesburgo, matriculou-se na Universidade Witwatersrand em 1949-50, onde cursou ciências sociais durante cerca de dois anos, data em que foi expulso da África do Sul, cerca de um ano depois de o Partido Nacionalista ter tomado o poder.

«Depois de deixar a África do Sul — declara Mondlane na sua autobiografia — consegui uma bolsa de estudos de «Phelps Stokes Fund» de Nova Iorque, que me permitiu frequentar a Universidade de Lisboa em Portugal.

Mas a constante perseguição política que a maior parte dos estudantes africanos sofria em Lisboa nesse tempo (1950-51), forçou-me a procurar outro país onde pudesse continuar os meus estudos universitários mais calmamente. Assim fiz, e de 1951 a 1956 frequentei o «Oberlin College», em Ohio, e a «Northwestern University», em Evanston, no Illinois, onde obtive o bacharelato, a licenciatura e o doutoramento em sociologia e antropologia».

REGRESSO

Eduardo Chivambo Mondlane é depois convidado pelas Nações Unidas para um lugar no Departamento de Protec-

rados em 1957, como investigador. Mas em 1961 regressa a Moçambique. É ele que o conta: «Em Fevereiro de 1961 regresssei a Moçambique após dez anos de ausência. Se bem que a minha visita fizesse parte das férias concedidas pelas Nações Unidas, consegui estabelecer alguns contactos significativos com as massas africanas e auscultar os seus sentimentos no que respeita a uma independência do jugo colonialista português.

Foi depois desta viagem que definitivamente decidi deixar as Nações Unidas e regressar à África para organizar o movimento de libertação nacional, incitando o povo de Moçambique para a luta de independência. Por essa altura já conhecia o Dr. Julius K. Nyerere, que já há alguns anos vinha aos Estados Unidos, como peticionário. Ele assegurou-me que, se eu fosse para o Tanganica, depois da independência, o seu Governo facilitaria-me a o meu trabalho na organização de um movimento para a independência de Moçambique».

PRESIDENTE DA FRELIMO

Um ano depois era eleito Presidente da FRELIMO e iniciava assim a sua obra de arte da unidade nacional. Sobre a maneira como o seu trabalho se desenvolveu possuímos hoje depoimentos significativos colhidos de alguns dos seus companheiros de luta e ainda em declarações oficiais da vanguarda revolucionária do povo moçambicano.

Assim Joaquim Chissano diz-nos:

«O dr. Mondlane era um homem de uma flexibilidade muito grande, com conhecimentos muito vastos das sociedades por onde tinha pas-

sado e, em especial, da sociedade moçambicana, ele usava deste conhecimento com a necessária flexibilidade para criar uma maior solidariedade com o povo moçambicano e para com a FRELIMO, para gozar da simpatia de todos os povos, de todos os países, mas sem nunca deixar que a FRELIMO fosse utilizada como instrumento para interesses que não fossem os do povo moçambicano.

Quer dizer: nunca se comprometeu, nunca comprometeu a Revolução. Erradamente, muita gente pensou que Mondlane era um indivíduo sem ideologia, sem princípios; mas nós, que trabalhamos com ele, vimo-lo a defender as posições revolucionárias em todos os momentos em que isso era explicitamente necessário.

«Ele defendeu a Revolução cumprindo, na prática, o desenvolvimento revolucionário que estava traçado, compreendendo todas as fases históricas porque a luta tinha de passar. Quem ler os escritos, as cartas de Mondlane, vai descobrir que Mondlane é um revolucionário da primeira hora, desde o princípio, não é um homem que sofreu uma evolução para ser um revolucionário. Sofreu uma evolução, sim, para o aperfeiçoamento, para a adaptação a todas as fases históricas da nossa luta, como qualquer revolucionário deve fazer: mas ele foi sempre um revolucionário».

ELEMENTO UNIFICADOR

Por seu turno Armando Guebuza, referindo-se a outros aspectos da sua acção, salienta:

«As pessoas da cidade consideram-se pessoas à parte, pessoas diferentes, pessoas mesmo até certo ponto merecedoras de atenções especiais, ao passo que as pessoas do

campo foram relegadas para um plano secundário e portanto diminuída a sua importância na construção do país. Dentro da própria cidade nós encontramos durante muito tempo uma divisão bem nítida: entre as pessoas que eram ou as que se diziam portuguesas e as pessoas indígenas.

«Isto, para nós podermos compreender que é com a FRELIMO que aparece pela primeira vez aqui em Moçambique, uma orientação que visa acabar com estes divisionismos, uma orientação que visa liquidar estas pequenas e grandes divisões, artificiais embora, mas que estão incrustadas nas cabeças de certas pessoas e que não são fáceis de destruir.

«O camarada Mondlane, portanto, foi capaz de unir estas pessoas todas, unir todo o povo moçambicano, para além da tribo, para além do campo e para além da sua classe social, que aqui se encontrava. Um outro elemento que é relevante aqui focar é que o camarada Mondlane foi capaz de unir o povo moçambicano para além das diferenças de raça, para além das diferenças de cultura, para além das diferenças do nível de instrução que essas pessoas tinham. Hoje nós ainda vemos, a cada passo, os restos disto. E nós dizemos os restos disto porque já há um combate que está em curso que está tendo sucesso».

E mais adiante:

«O outro ponto que eu gostaria de focar é que o camarada Eduardo Mondlane foi um homem capaz de assumir a realidade moçambicana de uma forma muito especial; por exemplo, ele compreendeu o princípio de aprender do povo. Este o aspecto importante no camarada Mondlane: era um camarada com muita ex-

periência, com muito conhecimento, mas, apesar disso tudo, achou que se fornava necessário aprender do povo. E não somente tomou isso como uma atitude de espírito para dizer às outras pessoas, mas sobretudo praticou isso. E nós observamos através dos seus escritos, dos seus discursos, da sua prática, que ele cada vez mais se identificava com a nova realidade que ia existindo».

No trabalho que Eduardo Mondlane desenvolveu no início, organizando os patriotas e nacionalistas moçambicanos, lançando a semente da unidade, tornou-se notado pelos colonialistas que mais tarde o haviam de cobardemente assassinar, julgando liquidar num homem a revolução moçambicana e consequentemente a força de todo um povo. Como se afirma num comunicado de 3 de Fevereiro de 1970 do Conselho da Presidência da FRELIMO:

«Ele representava a unidade; como a sua eleição, para Presidente, no 1.º Congresso e a sua confirmação naquele cargo pelo 2.º Congresso demonstraram claramente, era à sua volta que os moçambicanos de todas as tribos e regiões podiam concentrar a sua determinação em lutar conjuntamente, contra o inimigo comum. Ele foi exemplo da consciência de que só uma luta armada podia garantir a liberdade e independência do povo moçambicano: foi sob a sua direcção que a FRELIMO lançou o ataque militar para a libertação, em 25 de Setembro de 1964.

«Além disso, ele ajudou a definir o carácter popular e verdadeiramente revolucionário da luta, defendendo com insistência a linha que colocou, firmemente, os interesses do povo acima de quaisquer

outros. Ele ensinou-nos a definir claramente a natureza do nosso inimigo — que o inimigo não era alguém que se pudesse definir pela cor da sua pele, mas antes, era qualquer um que se empenhasse em actividades contrárias aos interesses do nosso povo.

Do mesmo modo, ele considerou a educação do nosso povo, como uma preocupação primária, porque estava convencido de que a verdadeira independência de Moçambique só poderia ser assegurada pela existência de quadros aptos a assumir as várias tarefas necessárias, na base de uma consciência revolucionária completamente realizada.

«Ele ensinou-nos a necessidade de nos mantermos absolutamente independentes nas nossas relações com outros países — rejeitando o paternalismo de certos poderes, mas aceitando, no entanto, toda a assistência, desde que proveniente de quem demonstrasse absoluto respeito pela nossa luta, e pelo nosso povo. Finalmente, ele preocupava-se em assegurar à FRELIMO uma base tão sólida, que lhe permitisse sobreviver mesmo à morte daqueles que a criaram; em construir uma estrutura que lhe assegurasse a continuidade na revolução, independentemente da presença física de qualquer indivíduo».

Ao afirmar-se que Eduardo Chivambo Mondlane foi o obreiro da unidade moçambicana, o artesão que soube conduzir justamente todas as camadas patrióticas e nacionalistas moçambicanas na justa via da luta armada de Libertação Nacional, não é em vão. De facto, a tarefa fundamental da sua vida foi comandada pelo próprio desenvolvimento da luta revolucionária no nosso país e que apontava a unidade dos moçambicanos con-

tra o inimigo comum como o factor decisivo da vitória.

Mondlane soube levar da teoria à prática esta necessidade, imbuindo delas as largas massas populares com as quais se identifica e das quais fala com perfeito conhecimento. É assim que a declaração do Comité Executivo da FRELIMO em 1969 sintetiza a importância da actividade de Eduardo Chivambo Mondlane:

«Em torno do camarada Mondlane se reagruparam os militantes nacionalistas e sob a sua orientação se desenvolveu e consolidou o nosso movimento nacionalista, vencendo enormes dificuldades até tornar-se numa organização sólida, implantada em todo o território nacional, como é hoje a FRELIMO.

«Foi sob a sua alta e sábia direcção que foi conduzido o trabalho de mobilização e organização que culminaram no desencadeamento da luta armada, e, permitiram o desenvolvimento constante das actividades políticas e militares.

«O nosso querido camarada Eduardo Mondlane foi pois o nosso Presidente, o Presidente da FRELIMO e do povo moçambicano. Ele foi o Chefe, o guia incontestável da Luta Armada Revolucionária de Libertação Nacional, incarnando o nacionalismo revolucionário do povo moçambicano».

De resto Eduardo Chivambo Mondlane sempre salientou que a unidade é um factor indispensável para obter a vitória. Assim na mensagem de 25 de Setembro de 1966 frisava:

«Para podermos obter a vitória final é necessário que nos unamos sob a bandeira multicolor da FRELIMO. É preciso que todos os moçambicanos se esqueçam de todas e quaisquer diferenças que pos-

sam existir entre eles. O Zambeziano deve cerrar fileiras com o Gazense, o Beirense com o Maconde, o Ajau com o Inhambanense, etc., para que do rio Rovuma ao rio Maputo haja só um povo — o povo moçambicano».

E a finalizar a declaração:

«A nossa luta é justa. Não é só para a libertação de um pedaço de terra chamado Moçambique, mas é também parte da luta universal para a liquidação completa da exploração do homem pelo homem.

Porque o povo moçambicano está certo da Justiça da sua causa e porque o povo moçambicano está UNIDO, ganhará».

De novo em 1967 o primeiro Presidente da FRELIMO reafirma:

«A UNIDADE deve ser a nossa preocupação fundamental. Desde o começo da nossa luta o Governo português pretendeu sempre que o povo de Moçambique nunca se uniria, que o povo moçambicano não existe como tal, mas é só um conjunto de tribos que estão sempre a lutar entre si. Ele declarou também que quando desaparecesse o Governo português, haveria em Moçambique uma confusão de lutas entre tribos. Os panfletos lançados pelos portugueses tentam incitar umas tribos contra outras».

O gigantesco esforço de organização e consciencialização de um povo levado a cabo pela FRELIMO, sob a orientação correcta do pensamento de Eduardo Mondlane levou assim a que fossem sendo destruídas, uma por uma todas as barreiras de que os colonialistas procuravam rodear a continuação da pilhagem dos recursos e da exploração das massas populares moçambicanas. Assim, num esforço desesperado de

evitar que a luta os atingisse nos últimos redutos, vencidas as armadilhas do regionalismo, tribalismo e racismo que o colonial-capitalismo tão arditamente montara e reconhecendo a estatura de um dirigente como Mondlane decidiram os colonialistas a sua morte que lograram mercê de uma encomenda-bomba enviada de Lourenço Marques para Dar-es-Salaam.

Mas o assassinato do camarada Mondlane viria a constituir novo revés para o colonialismo português. O Presidente Mondlane aliás já incluía a sua morte entre as possíveis e naturais eventualidades da luta em que se engajara.

Durante uma mensagem pronunciada numa cerimónia realizada por ocasião do segundo aniversário da sua morte por uma delegação da FRELIMO, afirma-se:

«O Camarada Presidente Mondlane disse um dia num discurso que fazia ao nosso povo que a questão que se põe não é a de viver ou morrer: todos nós havemos de morrer mais cedo ou mais tarde, e não podemos fazer nada para impedir isso. A questão que se põe, disse ele, é a de vivermos livres ou escravizados. Aceitaremos nós viver como escravos quando temos a possibilidade de, pelo nosso esforço, alcançarmos a liberdade? o povo moçambicano, dirigido pela FRELIMO, e o próprio Camarada Mondlane que era nessa altura Presidente da FRELIMO, deram a resposta em 25 de Setembro de 1964, ao começarem a luta armada de libertação nacional, contra o colonialismo e o imperialismo. As vitórias que já alcançamos ao longo destes 8 anos, mostram-nos que o ca-

marada Mondlane tinha razão, que o caminho que seguimos está certo.»

Afirmado no Primeiro Congresso da FRELIMO, esse caminho viria a ser de novo apontado no segundo, após decisiva luta interna contra os errados ideológicos e reacţionários mais ou menos camuflados. «Durante o Segundo Congresso mesmo — diz Joaquim Chissano a esse respeito: «O Presidente Mondlane disse palavras que são inesquecíveis. Ele disse que a revolução, que a luta de libertação de Moçambique, tinha sido já assumida por todo o Povo, pelas massas populares, e que sentia que o Povo era realmente o dirigente dessa luta pelo que estava certo que, morrendo ele ou outros dirigentes, a luta iria continuar, que o Povo a iria dirigir. Foram palavras, não textuais, foram palavras do Presidente Mondlane durante o Segundo Congresso da FRELIMO. Disse isto emocionado, não o escreveu em nenhum sítio, via-se que era realmente o que sentia. E não cessou de repetir estas palavras. Além disso, num documento que Mondlane escreveu para os estudantes moçambicanos — e que é um documento que afinal não se dirige apenas aos estudantes moçambicanos, é um documento actual e que será actual durante muito tempo — ele falava dos quadros. Mondlane era um apaixonado pela educação: ele foi professor, como todos nós sabemos e procurou em primeiro lugar educar academicamente os moçambicanos. Conhecemos a sua acção, em particular, a partir da visita à sua terra, quando trabalhava nas Nações Unidas. No entanto, para ele, esta educação académica não foi a coisa mais impor-

tante: ele reconheceu que a sua própria formação como doutor e professor universitário, não tinha nenhum valor a não ser inserida dentro duma perspectiva revolucionária: Por isso ele afirma nesse documento que nós queremos quadros, que temos que formar quadros: mas não se trata simplesmente de quadros — o que queremos são quadros revolucionários, esses são os quadros que nós queremos. Ele via os quadros como sendo aqueles que encarnam a vontade do Povo. E dizia que a maior escola, a maior universidade, era a própria revolução a participação da revolução — isso é que era a maior escola.»

A VITÓRIA DE MONDLANE

Desta participação activa na revolução da sua total integração nos anseios do povo resultou que em cada êxito passado ou futuro da luta de libertação nacional a sua recordação o estímulo da sua recordação estivesse presente. Porque, como o afirma Armando Guebuza:

«Mondlane trabalhou sem esperar, ou pedir, ou exigir, que se falasse dele como nós estamos agora a falar dele. Ele nunca esperou isto. Preferia que se ignorasse mesmo que ele fez qualquer coisa, que ele pensou qualquer coisa. Teve muitas críticas, teve muitas críticas Mondlane, por causa disso: Uns pretendiam que ele era demasiado moderado, para outros era um indivíduo que gostava de uma vida fácil, que gostava disto e mais aquilo, etc. Tantas críticas contra Mondlane! Mas ele não precisou realmente de grandes defesas. o tempo foi demonstrando o que era o seu pensamento.

Há, no entanto, ainda muita gente que não compreendeu o fenómeno: Ele vivia realmente para servir o Povo e é por isso que foi vitorioso. A sua maior vitória pessoal, talvez, é que tantos anos depois da sua morte, depois de todos estes anos sobre a sua morte, nós possamos continuar a falar com ele como se ele estivesse realmente vivo. Muitos de nós, com efeito, chegam a ter a impressão que estamos a pedir opiniões ao Presidente Mondlane: cada vez que lemos um velho documento seu, nós encontramos sempre qualquer coisa que nos diz o que fazer no momento presente. Em qualquer escrito: o que é preciso é saber ler, é saber colocar o que se lê no devido contexto.»

Este portanto um pequeno apanhado da obra do dirigente popular cuja memória hoje comemoramos no sacrifício de todos os que tombaram pelos princípios que ele ajudou a consolidar.

Parafraseando a mensagem de 3 de Fevereiro de 1973 de uma delegação da FRELIMO neste ano da independência dizemos-lhe que a Organização que ele estruturou dirige os destinos de todo o povo moçambicano de Rovuma ao Maputo. Que a unidade pela qual ele tão arduamente lutou se reforça cada vez mais e que a Nação Moçambicana livre e independente é já uma realidade.

Hoje vimos dizer-lhe uma vez mais «Que não nos desviamos da orientação que ele traçou — o nosso inimigo continua a ser definido não em termos de raça ou cor ou nacionalidade mas em termos de actividade contra o nosso povo; o combate pela emancipação da mulher con-

tinua a ser uma das nossas preocupações fundamentais; continuamos firmes na nossa posição de independência nas relações internacionais — rejeitando o paternalismo, aceitando só o auxílio que nos é dado sem condições, na base do respeito absoluto dos outros países pela nossa luta e pelo nosso povo. Vimos dizer-lhe que a nossa orientação continua a ser resolutamente revolucionária, e que estamos a trabalhar, decididamente para a nossa vitória final.»

Hoje, enfim reafirmamos que a dinâmica da Revolução Moçambicana continua banhada na memória da sua obra e que com os nossos é o seu próprio punho fechado que se ergue para assinalar que unidos transformaremos Moçambique independente numa zona libertada de África e da Humanidade para assinalar que

A LUTA CONTINUA!